

Crianças e Televisão: Uma relação de Influências

Sara Pereira

Instituto de Estudos da Criança

Universidade do Minho

O discurso acerca dos efeitos [negativos] da televisão sobre a audiência em geral, e sobre as crianças em particular, marca o fim da década dos anos 50, incorporando-se na vasta literatura já existente sobre os efeitos do cinema na geração mais nova.

As pesquisas de Himmelweit, Oppenheim e Vince (1958), no Reino Unido, e de Schram, Lyle e Parker (1961), nos EUA, vieram questionar os paradigmas clássicos da relação crianças - televisão concebida como uma relação de estímulo - resposta, representando uma ruptura com a concepção de que os efeitos dos media são directos, mais ou menos imediatos, e de certa forma, inevitáveis. Esta nova orientação sugere-nos que tão importante como interrogarmo-nos sobre *'o que os media fazem às pessoas'*, é questionarmo-nos sobre *'o que as pessoas fazem com os media'*. Como refere Scramm¹ et al.: *"nada do que está devidamente documentado pode limitar-se a dizer que a televisão é boa ou má para as crianças. Para algumas crianças e em determinadas condições, certa televisão é prejudicial. Para outras crianças, nas mesmas condições, ou para as mesmas crianças em outras condições, pode ser benéfica. Para a maioria das crianças, na maioria das condições a maior parte da televisão não é, provavelmente, nem prejudicial nem benéfica de uma forma especial"*.

De uma forma geral e resumida, podemos dizer que encontramos nas investigações empíricas sobre a matéria, duas perspectivas sobre os efeitos da televisão (TV) nas crianças:

- uma perspectiva pessimista, que considera que a TV fomenta a passividade das crianças, tira-lhes tempo para a realização de outras actividades tidas como mais interessantes, reforça os estereótipos negativos, incentiva à violência, etc.;
- uma perspectiva mais optimista, que admite que as crianças aprendem ao ver TV, adquirem conhecimentos acerca de diversos aspectos do mundo que de outra forma seria difícil de adquirir.

O termo «efeito» pode ser susceptível de gerar alguma confusão na medida em que sugere que a TV 'faz algo' às crianças. Ora, que a TV tem efeitos sobre as crianças, não parece oferecer dúvida. Mas esse efeitos não são necessariamente negativos. O sentido, a intensidade, e o modo como essa influência se exerce é que dependem de um conjunto de factores - do contexto em que a criança vê determinados programas, da idade, do sexo, das condições psicológicas da criança, do seu nível de maturidade cognitiva, do seu desenvolvimento social e afectivo, do meio familiar, do meio geográfico em que vive, e das próprias características do programa.

Não podemos isolar o fenómeno televisivo de todo um conjunto de parâmetros influentes. O contexto em que as crianças vêem TV tem uma grande influência sobre aquilo que dela retiram, sobre o modo como os seus conteúdos e mensagens as afectam, sobre as emoções que nelas provocam.

Há ainda um outro aspecto que tem sido enfatizado por vários autores no estudo da relação crianças - TV. Refiro-me ao papel activo da criança na recepção das mensagens televisivas. A uma imagem da criança passiva e inactiva em frente ao ecrã, partilhada frequentemente pelo senso comum, contrapõe-se uma imagem da criança activa e *actora*, a exercer influência na forma como experiencia a TV, a desempenhar o papel mais activo da relação.. Partilho a opinião de que as crianças ao ver TV realizam um trabalho activo de descodificação pois só

assim se justifica que consigam dar sentido ao que vêem e consigam utilizar as suas mensagens, mesmo noutros contextos. Como refere Aimée Dorr², *“as crianças não são recipientes vazios à espera de serem ocupados pela televisão. Elas pode parecer paradas, mesmo passivas, enquanto vêem, mas corpos inactivos não significam necessariamente mentes inactivas”*.

Contudo, é importante não correr o risco de, ao rejeitar a perspectiva das crianças como vítimas passivas da televisão, adoptar simplesmente a perspectiva oposta. Ambas apresentam uma ‘ideia’ homogénea e indiferenciada de criança, sendo necessário, em qualquer dos casos, considerar que são sempre crianças específicas, vivendo em circunstâncias sociais, culturais e históricas específicas.

A Questão da Violência

De todos os efeitos nefastos atribuídos à TV, o impacto da violência é, concerteza, o mais debatido e o que gera maior preocupação entre os pais, os educadores, os professores e os cidadãos em geral.

Este é, sem dúvida, um tema complexo e que, apesar dos vários estudos realizados, permanece sem respostas concludentes. As variáveis em jogo são múltiplas, pelo que é difícil chegar a conclusões definitivas. No entanto, estudos que tiveram como objectivo isolar o efeito específico da TV, concordam em afirmar que não há nenhuma relação directa entre as cenas de violência e o comportamento das crianças. Diz Mireille Chalvon³ e seus colegas: *“a maior parte das crianças ‘normais’ não parecem incitadas à violência pela televisão”*.

É certo que vasta vemos TV umas horas por dia para percebermos como o ecrã se converte, em vários momentos, num cenário de violência. Contudo, a observação reiterada de cenas violentas não se repercute da mesma em todas as crianças. Sobre o assunto gostaria de partilhar com o leitor uma excelente reflexão com que Augusto Santos Silva⁴ nos presenteou numa das suas crónicas publicadas no jornal PÚBLICO: *“tanto é verdade que a violência invade a televisão porque a violência existe na realidade social que a televisão faz ecoar, como é verdade que a sobre-exposição da violência na Televisão gera efeitos próprios de banalização e legitimação da violência quotidiana; e tanto é verdade que a cabeça do telespectador não pode ser reduzida a uma tábua rasa na qual a mensagem veiculada pelos media se inscrevesse tal e qual, como é verdade que a forma televisiva e o padrão de consumo para que remete potencia enormemente a força das suas mensagens.”* E acrescenta: *“o ponto crítico não é que a televisão exhiba ou promova violência; é sim que exhiba ou promova apenas violência”*.

Relativamente a esta matéria, partilho a opinião de Maria Emília Brederode Santos que, numa entrevista concedida à RTP há já algum tempo atrás, defendia que as crianças que vivem em ambientes muito violentos, que são tratadas com violência e estão habituadas a resolver os seus problemas pessoais e familiares recorrendo à violência, ao verem programas violentos, acostumam-se a ver que tanto as pessoas que as rodeiam como os seus heróis televisivos resolvem tudo por métodos violentos, não aprendem outra maneira de resolver os conflitos, pelo que, estarão mais predispostas a reproduzir atitudes violentas no seu comportamento do que as crianças que também vêem programas violentos, mas que vivem num ambiente em que se procura resolver os problemas de forma não agressiva, através do diálogo.

O que podemos retirar destas ideias é que os efeitos das cenas de violência sobre o público mais pequeno dependem de um conjunto de critérios. Talvez a preocupação deve residir mais

numa preocupação de educação crítica das audiências, na educação dos receptores para o consumo activo, selectivo e crítico dos produtos mediáticos. Talvez o caminho mais seguro e mais eficaz seja o da 'educação para os media' em que os pais e os educadores têm, concerteza, um importante papel a desempenhar.

O Papel dos Pais

O meio familiar é o principal contexto da recepção televisiva, isto é, o contexto imediato em que geralmente as crianças vêem TV. O papel dos pais aparece hoje como um dado essencial na relação entre as crianças e a TV. São vários os autores que defendem que o modo como as crianças vêem TV é influenciado pelo contexto familiar e que os pais têm uma grande influência sobre o que os filhos vêem e como vêem, uma vez que partilham com eles o seu 'estilo televisivo'.

Os resultados de vários estudos mostram a importância da presença de um adulto durante o visionamento televisivo das crianças; mostram como podem influenciar positivamente a experiência televisiva das crianças ao conversarem com elas sobre o que vêem, ao explicar-lhes os programas de uma maneira que elas possam entender, ao ouvir as suas dúvidas e inquietações, ao deixá-las falar e ao ouvi-las.

A frequência com que os pais convertem a TV em 'bode expiatório' dos mais diversos problemas atribuídos às gerações mais novas, pode ocultar questões mais graves associadas ao tipo de vida e de sociedade em que vivemos. A maioria das crianças portuguesas não têm alternativas à TV. Os pais, ao utilizarem-na como 'babysitter' 'empurram' os seus filhos para a TV. Quantas vezes é que os pais lhes oferecem alternativas? Quantas vezes é que as desafiam para outras actividades - passear, fazer um piquenique, contar uma história, jogar, fazer um *puzzle*, enfim, simplesmente brincar?

É importante que os pais se preocupem com o tempo e com os programas que os seus filhos vêem TV, assim como se preocupam se se alimentam bem, se não estão doentes, se têm cuidado ao atravessar a rua, etc.. Mas, mais importante do que serem restritivos, é discutir os programas com as crianças, comentar as diversas situações, explicá-las, ajudá-las a distinguir o que é real e o que é fantasia. O conceito de mediação ajuda-nos a definir esse papel dos pais como intermediários, como 'filtros', entre o meio televisivo e as crianças telespectadoras.

O Papel dos Educadores

Quando a criança chega ao jardim de infância (JI) leva consigo toda uma história individual. A questão está em como actua a educação de infância em relação a essas experiências prévias das crianças, como dá conta daquilo que a criança já sabe e sabe fazer, do seu nível de compreensão, das suas motivações de relações, das suas necessidades educacionais e dos seus interesses.

Segundo Zabalza⁵ "a escola infantil procura dotar de significatividade a experiência diária do sujeito. Uma significatividade que tem tanto um sentido afectivo como cognitivo. Isto é, o que se faz, o que se diz, o que se vive, etc., converte-se em material com sentido pessoal (vivencia-se, disfruta-se) e cognitivo (compreende-se, experimenta-se, verbaliza-se). Desta maneira, as experiências, tanto as ocasionais como as sistematizadas, integram-se de forma plena no desenvolvimento de cada sujeito".

O sucesso da educação de infância passa, na minha perspectiva, precisamente por esse "dotar de significatividade a experiência diária do sujeito". Ora, a televisão constitui um elemento essencial das experiências diárias das crianças. Os educadores vêem-se confrontados constantemente com as conversas das crianças sobre os programas televisivos do dia anterior, com os jogos de representação influenciados por aqueles, as histórias criadas em torno dos personagens

televisivos. Estando a maioria das crianças motivadas para e pela TV, o educador pode aproveitar o interesse que as crianças têm por aquele meio; pode explorar e estender as suas experiências televisivas, através do que percebe e do que as crianças falam (gostaria de realçar a importância do educador procurar não fazer juízos de valor acerca do que as crianças viram ou vêem, mas antes procurar ajudar as crianças a desenvolver os seus gostos e preferências).

Ao expressar e representar as suas experiências TV - através do diálogo, do desenho, da pintura, do jogo simbólico, de histórias, etc. - as crianças estarão a envolver-se num processo de aprendizagem activa, a construir o seu próprio conhecimento através do seu envolvimento activo com pessoas, ideias e materiais. Está nas mãos do educador saber responder e aproveitar essas experiências, interesses e necessidades, que se reflectem e manifestam das mais diversas formas, e transformá-las em aprendizagens activas.

Ao promover no JI uma educação para um uso crítico e selectivo da TV, as crianças podem desenvolver atitudes críticas e questionadoras em relação ao que vêem e ouvem na TV; podem tornar-se selectivas nos seus hábitos televisivos e aprender a expressá-los criativamente.

É importante, no entanto, ter sempre presente a importância de se atender não apenas à televisão e ao impacto das suas mensagens, nomeadamente nas crianças, mas também aos contextos e condições de recepção, ao meio social e cultural, aos estilos de vida das famílias, às características individuais das crianças e às alternativas disponíveis e que lhes são apresentadas, pois são variáveis importantes que interagem com o impacto televisivo.

A televisão poderá então abrir uma interessante perspectiva à acção educativa, na medida em que, havendo uma sensibilidade por parte dos educadores para a exploração da televisão no JI, aquele meio pode proporcionar diferentes oportunidades de inovação e de troca, ampliar, diversificar e enriquecer os conhecimentos e aprendizagens das crianças.

Um trabalho a este nível desenvolvido só no JI pode correr o risco de não ter continuidade. E, como já foi referido, é principalmente em casa que a criança vê TV, sendo importante que os pais dêem continuidade àquele trabalho e que as crianças encontrem também no contexto familiar um espaço que lhes permita falar e explorar as suas experiências TV e encontrem também aí adultos que as possam apoiar e incentivar nesse sentido. A TV pode portanto ser um óptimo instrumento facilitador de um envolvimento efectivo dos pais no JI

Compreende-se pois a importância de que a família e o JI, que têm um papel protagonista e decisivo na educação das crianças, se completem nessa mesma educação, tanto pela necessidade de não oferecer pautas de conduta divergentes no processo educativo, como pela insuficiência de ambas, unilateralmente consideradas, para otimizar o potencial de desenvolvimento. Os pais podem fornecer ao educador dados sobre os hábitos televisivos das crianças, os seus programas preferidos e a importância que a televisão assume na vida dos filhos; o educador pode sensibilizar os pais para a importância de ensinar as crianças a ver TV e incentivá-los a um trabalho conjunto sugerindo-lhes alguns procedimentos, estratégias e actividades a desenvolver numa interacção combinada entre ambos.

Sugestões para a Exploração da Televisão

Para terminar, ficam aqui sistematizadas algumas estratégias/actividades de exploração da TV, possíveis de serem desenvolvidas pelos Educadores no JI:

1. Utilizar a TV como instrumento de observação e "investigação" com vista à recolha de dados que permita uma intervenção pedagógica mais adequada e adaptada. Eis alguns tópicos:
 - que tipo e quantos *media* as crianças possuem em casa; em que espaços estão colocados;
 - que programas vêem e quais os que preferem? Com quem? Quantas horas e até que horas vêem? Por que vêem? Que alternativas têm?

- "marcas" dos *media* nas brincadeiras das crianças;
- de que forma apresentam e representam os seus heróis dos *media* no JI, ou mais especificamente, no seio do grupo;
- necessidade das crianças falarem acerca das suas experiências com os *media*;
- interesses, sentimentos de alegria, medo, tristeza transmitida pelos *media* e que as crianças partilham entre si.
- incentivar as crianças a falarem e a comentarem (a dar a sua opinião) sobre o que viram na TV.

2. Através do desenho, da pintura, da modelagem, etc., apoiar as crianças na representação do que vêem na TV, dos seus programas e personagens preferidos. Por exemplo, apoiar as crianças na confecção de fantoches e na criação e representação de uma cena televisiva com eles. Discutir o desenvolvimento da confecção de fantoches com as crianças:

- que personagem vai ser o fantoche? O que é que ele faz? Tem família, amigos ou um ajudante especial? Usa poderes especiais, força ou astúcia? Em que local vai decorrer a acção e como vai ser desenvolvida?

3. Falar sobre os heróis, e anti-heróis, com as crianças: quem são? como é que são? o que fazem? como se vestem? eles vencem sempre? Como são resolvidos os conflitos?

4. Ver com as crianças um programa televisivo (por ex. um trecho de desenhos animados ou um episódio do "Jardim da Celeste", ou um filme...). Analisar o programa: recontar a história (quando não existe TV nem videogravador o recontar pode ser o ponto de partida para esta actividade); caracterizar física e psicologicamente os personagens; caracterizar os espaços físicos mais significativos da acção; identificar a(s) mensagem(s) que pretende transmitir.

Para trabalhar com os pais:

1. Realizar **reuniões/encontros** com os pais cujo assunto principal de reflexão/discussão seja a televisão e os hábitos televisivos das crianças - possíveis aspectos a considerar:

- qual a opinião dos pais sobre a televisão e a importância que assume na vida das crianças?
- quais são as principais preocupações dos pais ao nível da relação crianças-televisão? (informação muito útil para futuros trabalhos a realizar com os pais a este nível)

2. Incentivar os pais a fazer, durante uma semana, um **Diário Televisivo** das crianças. Fornecer-lhes uma folha com os aspectos-chave a serem considerados. Num próximo encontro, reflectir e analisar, em plenário, o que foi registado no Diário; incentivar os pais a partilhar possíveis anotações e comentários às observações efectuadas.

3. A partir destas discussões/reflexões sensibilizar e alertar os pais para:

- a forma como podem influenciar os conhecimentos que as crianças obtém através da televisão, destacando a informação que tem importância, interpretando o que está a acontecer;
- a importância de comentar com as crianças os programas e ajudá-las a interpretar as mensagens televisivas;
- a importância de ver televisão com as crianças, seleccionar com elas os espaços televisivos e incentivá-las a que elas próprias o façam.

Em Jeito de Conclusão

A televisão pode ajudar-nos a ‘ver mais longe’, mas temos que saber (ou aprender a) utilizá-la. Daí a importância de se promover - na família, no jardim de infância, na escola, no ATL ... - a educação para os media. Será uma forma de contribuir para que sejam cumpridos e respeitados os direitos das crianças, consagrados na *Convenção Sobre os Direitos das Crianças*, que Portugal ratificou.

Para que a voz das crianças não fique silenciada pela voz dos adultos.

¹ SCHRAM, W.; LYLE, J.; PARKER, E. (1965), *Television para los Niños*, Barcelona: Editorial Hispano Europea, pp. 1 (edição original de 1961)

² DORR, Aimée (1986), *Television and Children: a Special Medium for a Special Audience*, London: Sage, pp.23

³ CHALVON, M.; CORSET, P.; SOUCHON, M: (1991), *L’Enfant Devant la Télévision des Années 90*, Paris: Casterman, pp.140

⁴ SILVA, Augusto Santos (1997), ‘Pai - Cronista, Dragon Ball à Vista’, in *Público*, 21.08.97

⁵ ZABALZA, Miguel (1992), *Didáctica da Educação Infantil*, Madrid: Ediciones Anaya S:A., pp.85 (edição original espanhola de 1987)